

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIENCIAS ECONOMICAS
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS ECONOMICAS
CIENCIAS ECONOMICAS

ESTUDO SOBRE RESULTADOS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS
ENTRE 2002 E 2007: IMPACTO DAS VIAGENS DO PRESIDENTE LULA

MARCOS PERINI

PORTO ALEGRE

JUNHO/2008

MARCOS PERINI

**ESTUDO SOBRE RESULTADOS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS ENTRE 2002
E 2007: IMPACTO DAS VIAGENS DO PRESIDENTE LULA**

MONOGRAFIA apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharelado

Prof. Luiz Augusto Estrella Faria – Orientador

PORTO ALEGRE

2008

**ESTUDO SOBRE RESULTADOS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS ENTRE 2002
E 2007: IMPACTO DAS VIAGENS DO PRESIDENTE LULA**

Por

MARCOS PERINI

Monografia apresentada para obtenção do grau de
bacharelado, pela Banca examinadora formada por:

Presidente: Prof. Luiz A. Estrella Faria, Doutor - Orientador, UFRGS

Membro: Prof. Cláudio Schmidt, Doutor, UFRGS

Membro: Prof. Eduardo Ernesto Filippi, Doutor, UFRGS

PORTO ALEGRE, JUNHO DE 2008

À todos aqueles que ainda acreditam que as
pessoas podem fazer a diferença

Agradecimentos

Quero agradecer a todos os colegas da Caixa Econômica Federal, particularmente aos pertencentes ao atual quadro da agência Partenon. Aos meus familiares, que nestes últimos tempos foram privados da minha companhia e apoio, principalmente meus filhos Giulia, Pietro e Bruno. Agradecimento especial à minha esposa Gisele, pois sem seu apoio irrestrito, dedicação, incentivo, compreensão e exemplar disciplina, não teria chegado ao final deste curso. Não posso esquecer também de agradecer meu orientador, prof. Faria, pela paciência, disposição, boa vontade, e por ter acreditado no tema. O que não o torna avalista dos erros, pois, em havendo alguns, serão todos meus.

Não existe nada mais poderoso do que uma idéia
cujo tempo chegou!

Victor Hugo

RESUMO

O objetivo deste trabalho é verificar se uma parcela dos expressivos resultados positivos atingidos pelo setor exportador brasileiro é resultante da participação direta do atual governo, através das visitas internacionais realizadas pelo presidente Lula. Reunidos os dados, foram comparados os resultados obtidos, entre aqueles países visitados e não visitados. À luz das teorias clássicas sobre comércio exterior, bem como referenciando as Escolas Histórica e Institucionalista, buscou-se uma explicação para o resultado e esta foi construída também com ajuda dos estudos de Putnam sobre Capital Social

Palavras-chave: exportações, visitas presidenciais, imperialismo, capital social.

ABSTRACT

The objective of this paper is to check if a portion of the expressive positive results reached by the Brazilian exporter sector is resultant of the direct participation of the current government, through the international visits of the president Lula. Collected the information, the results were compared, between the countries visited by Lula and the countries that were not visited by the president. Under the light of the classic theories about the external commerce, as well as relating to the Historical and the Institutional Schools, an explanation to the result was searched and that explanation was built with help of the studies of Putnam about Social Capital.

Key words: Exportations, presidential visits, imperialism, social capital

JEL classification: F14, F54, F55, F59, Z13

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Tabela 1 – Quadro de participação de itens relacionados à indústria automotiva na pauta de exportações de alguns países selecionados. 2005

FIGURA 2 – Tabela 2 - Participação das exportações brasileiras em relação às exportações mundiais. 1990-2007

ABREVIATURAS

ALICE - WEB	Sistema de Análise das Informações de Comercio Exterior via internet do MDIC
APEX BRASIL	Agencia de promoção de exportações do Brasil
CIA	Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos
FUNCEX	Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior
GATT	Acordo Geral de Tarifas e Comércio
MDIC	Ministério de Desenvolvimento Indústria e Comercio Exterior
ONU	Organização das Nações Unidas
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
OPEP	Organização dos Paises Exportadores de Petróleo
PAD	Paises Altamente Desenvolvidos
SECEX	Secretaria de Comercio Exterior

UNCTAD

Conferencia das Nações Unidas para o comércio e
Desenvolvimento

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
2.1 Vantagens comparativas e absolutas	
2.2 Economias de escala	
2.3 Comércio Interfirmas e Intrafirmas	
2.4 Revisão histórica	
2.5 Os novos Senhores e a dominação revelada	
2.6 Sul e Centro americanos em busca de desenvolvimento	
3. UMA LEITURA PARTICULAR DE ROBERT PUTNAM E DO INSTITUCIONALISMO.	
3.1 Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna	
4. DAS VIGENS E DOS RESULTADOS CONCRETOS.	
4.1 Das viagens.	
4.2 Dos resultados efetivos	
4.3 Fatos resultantes da análise dos dados.	
4.3.1 Sobre o crescimento médio dos valores exportados.	
4.3.2 Quanto à participação no comércio internacional	
4.3.3 Sobre os resultados na América Latina, Caribe e América do Norte	
4.3.4 Europa Oriental, Oriente médio, Ásia e Oceania.	
4.3.5 África	

4.4 Sobre resultados dos descolonizados.

4.4.1 Descolonização Inglesa.

4.4.2 Descolonização Francesa e Portuguesa.

5. CONCLUSÃO.

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXO A: Cronologia das viagens do Presidente Lula ao Exterior

ANEXO B: Tabela 2 – Comércio mundial

ANEXO C: Exportação brasileira por fator agregado – 1964 a 2008.

ANEXO D: Evolução do comércio exterior brasileiro – 1950 a 2008.

ANEXO E: Gráfico exp. brasileira por fator agregado 1964/2007.

**ANEXO F: Tabela 4 – Exp. Brasileiras para América do
Sul/Central/Caribe.**

ANEXO G: Tabela 5 – Exp. Brasileiras para Europa.

ANEXO H: Tabela 6 – Exp. Brasileiras para Oriente e Oceania

ANEXO I: Tabela 7 – Exp. Brasileiras para África.

**ANEXO J: Tabela 8 – Exp. Brasileiras para América do Norte/
Escandinávia e Oriente Médio.**

1. INTRODUÇÃO

A literatura econômica tradicional tenta resumir e explicar as trocas internacionais a partir de critérios diretos e objetivos calcados principalmente nos princípios das vantagens comparativas estáticas ou dinâmicas, ou ainda, pelas vantagens absolutas.

Considerar-se-á que em algumas economias diversificadas, como é o caso do Brasil, onde a pauta de exportações abriga desde minérios dos mais diversos, carnes, grãos, calçados, automóveis, tratores, caminhões e até aviões, uma característica não é predominante e muito menos exclui outra.

A busca por novas explicações para algumas parcelas dos resultados alcançados na balança comercial brasileira de 2003 até 2007, parte justamente daí, ou seja, da consideração de que uma parte dos resultados é fruto de vantagens comparativas, sejam elas estáticas ou dinâmicas, outra parte por vantagens absolutas, e uma parte relativa a um fator completamente diferenciado, que dá origem a este estudo.

Algumas observações iniciais acerca dos resultados das exportações brasileiras à África e às Américas Central e do Sul, indicavam que poderia haver algo mais influenciando os resultados das vendas de mercadorias brasileiras a países que já tinham tradição em comerciar conosco. Fossem estes mercados tradicionais gerados por acordos/contatos comerciais realizados durante governos autoritários ou democráticos de períodos anteriores ao do atual governo. Faço esta separação entre autoritários e democráticos e este especificamente democrático, pois faz parte da hipótese que pretendo explorar. Além do caráter democrático do atual governo, seu caráter popular e carismático, é representativo do conjunto da sociedade brasileira, e habita o imaginário internacional em relação ao nosso país, notadamente naqueles países que compartilham a origem colonial. Muito diferente do governo democrático anterior, mais associado a uma tentativa de demonstração de grandeza intelectual aos países industrializados, aparentemente tentando demonstrar que somos ao mesmo tempo diferentes do resto do mundo não desenvolvido.

Esta demonstração do governo anterior com certeza ajudou a mudar a visão do mundo desenvolvido em relação ao nosso País, mas contaminou nossa imagem em relação ao resto do mundo. Agora, com um líder originado nas classes operárias, como que desfraldando a bandeira da mobilidade social em nosso país, encanta os parceiros da luta anticolonial, seja no

fórum de Davos lutando contra a fome do mundo, seja junto ao GATT, através do endurecimento das negociações, principalmente com relação aos subsídios, e seja também na postura amigável e compreensiva com relação à revisão de contratos internacionais assinados por governos anteriores, que claramente espoliavam países vizinhos, notadamente Paraguai e Bolívia. Esta postura antiimperial nos discursos é reafirmada através de atos efetivos e denota nossa condição de parceiro comercial em toda a plenitude e significado da expressão. E isto fará diferença.

Este trabalho seguirá a seguinte ordem: no capítulo 1 apenas uma revisão de alguns conceitos tradicionais e comentários sobre diversos autores e escolas relacionados ao estudo do comércio internacional, bem como um passeio histórico que busca relembrar conceitos, enquadrar ações e posturas dos diversos países envolvidos nesta questão. Não tem a mínima pretensão de esgotar o assunto, pois não é esta a intenção principal. Apenas tem o intuito de reavivar na memória algumas “molduras”, para possibilitar um melhor entendimento do quadro.

No capítulo 2 uma aproximação do trabalho de PUTNAM, Robert : Comunidade e Democracia, do Institucionalismo e da Escola Histórica, que objetivam alcançar subsídios para a análise.

O capítulo 3 apresentará as informações detalhadas sobre os resultados numéricos das exportações brasileiras, através de dados compilados dos arquivos do Ministério da Indústria, Comércio e Desenvolvimento, da UNCTAD e CIA, bem como uma cronologia das viagens presidenciais entre 2002 e 2007 realizadas pelo governo atual.

No capítulo 4 será concluída a hipótese de trabalho, qual seja a de que uma parte razoavelmente significativa do resultado de nossa balança comercial é resultante de um fator comercial não enquadrado na teoria convencional, presente nestes relacionamentos internacionais, composto pela união do capital social e humano da sociedade multi-étnica brasileira, representada pessoalmente pela figura do presidente Lula. Não é objetivo deste trabalho discutir as pré-condições para se chegar à esta capacidade de produção, e sim como negócios foram realizados, ou melhor dizendo, resultados foram alcançados. Os efeitos da abertura econômica durante os anos 90, mudança de perfil tecnológico, e outras considerações envolvem a produção. Aqui vamos tentar justificar uma parcela da expansão do mercado externo.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.

2.1 Vantagens comparativas e absolutas

O conceito de Vantagem comparativa na produção de um bem é um legado do economista inglês David Ricardo. Este enfoque do comércio internacional dever-se apenas à diferença de produtividade do trabalho entre os diferentes países é conhecido como **modelo ricardiano** (Krugman & Obstfeld;2007).

O modelo Ricardiano de comércio internacional, apesar de bem ajustado ao mundo real, pois sua previsão básica é a de que os países tendem a exportar os bens em que sua produtividade é comparativamente alta, apresenta algumas pequenas falhas. Por exemplo, quando supõe que não haja efeitos indiretos sobre a distribuição interna de renda dos países que realizam o comércio internacional, quando prevê um grau extremo de especialização e não considera a diferença de recursos entre os países. Além disso, ignora o possível papel das economias de escala no estímulo ao comércio de países com economias semelhantes (Krugman & Obstfeld; 2007).

Já a teoria de Heckscher-Ohlin tenta explicar através das diferenças entre os recursos dos países pela abundância relativa dos fatores de produção e a tecnologia de produção, que influencia a intensidade relativa com que são usados na produção de bens diferentes. Consideram pois o princípio das vantagens comparativas baseados na dotação relativa dos fatores de produção. Esta também tem limitações (Krugman & Obstfeld, 2007).

Um modelo-padrão de comércio, tenta resumir todos estes efeitos da seguinte forma: Há uma curva de oferta relativa mundial baseada na possibilidade de produção e uma curva de demanda mundial a partir das preferências. A intersecção destas duas curvas determinará os termos de troca (diferença de preços entre exportações e importações) (Krugman & Obstfeld, 2007).

A inovação e as mudanças técnicas são considerados fatores que geram vantagens absolutas a países que investem em P&D. Mas a falta de tratados internacionais de propriedade intelectual e industrial pode levar rapidamente à difusão internacional destas transformando rapidamente as vantagens absolutas em vantagens comparativas. Interessante notar pois, que este grande paradoxo econômico que se apresenta, qual seja o de que a desigualdade social, no

capitalismo, era ao mesmo tempo inevitável e fundamental para o estímulo necessário ao despertar do espírito inovador (Schumpeter,1984), contraposta ao direito justo de monopólio como prêmio ao inovador. Prêmio efêmero, pois será inevitavelmente superado no futuro, já que desde sempre e até agora, os inovadores atuais estão se apropriando de alguma forma de técnicas e conhecimento gerados anteriormente, buscando remunerar o mínimo ou quase nada por isto.

A exclusão dos itens Minério de Ferro e Soja em grão dos valores exportados, tem como um dos objetivos, reduzir o efeito de vantagem comparativa que estes produtos possuem em nosso país, para explicitar ainda mais os outros itens da pauta.

2.2 Economias de escala

Os modelos de vantagens comparativas apresentados levam em consideração a hipótese de retornos constantes de escala, ou seja, supondo dobrar os insumos de uma indústria, dobraríamos o produto desta indústria. Mas o que se observa é que na verdade, uma grande parte das indústrias se caracteriza pelas economias de escala, ou chamadas também de retornos crescentes de escala. Isto quer dizer que a uma duplicação na quantidade de insumos, produzirei mais do que o dobro do produto. Aqui também trataremos de uma divisão de classificação desta escala, em *economias de escala externa*, quando o custo por unidade depende do tamanho da indústria, mas não necessariamente do tamanho da uma firma individualmente tomada. A *economia de escala interna* ocorre quando o custo por unidade depende do tamanho da firma tomada individualmente, não relacionada com o tamanho da indústria como um todo. Estas duas modalidades de escala refletem em diferentes implicações nas estruturas de mercado. Numa economia de escala puramente externa, teremos muitas empresas pequenas e haverá concorrência perfeita. Por outro lado, em economias de escala interna, as vantagens de custos das empresas maiores em relação às menores, levarão a uma estrutura de concorrência imperfeita. Num mercado de concorrência perfeita, as firmas são tomadoras de preço, ou seja, podem vender o quanto desejar ao preço corrente que não influirão nele. Cada produtor representa uma parcela muito pequena do mercado e não pode influenciar os preços. Na concorrência imperfeita, as firmas sabem que podem influenciar os preços de seus produtos e que podem vender mais somente ao reduzir seu preço. Este tipo de concorrência ocorre quando há poucos ou apenas um produtor daquele determinado bem, ou quando o produto de cada produtor é visto pelos

consumidores como bastante diferenciado dos produtos das firmas rivais e uma queda no preço daquelas não vai tirar mercado destas. A concorrência imperfeita na verdade identifica uma situação em que as firmas aparentemente estão concorrendo umas com as outras, mas na verdade se comportam em relação aos preços dos seus produtos, como se fossem monopolistas. O ramo da indústria mais lembrado para exemplificar esta situação é a indústria automobilística

A realidade empresarial por sua vez, mostra que os oligopólios são a estrutura de mercado mais comum. Aqui as firmas estão conscientes de que seu comportamento influencia o comportamento das demais firmas da indústria e levam esta interdependência em conta ao preparar suas estratégias. Por exemplo, uma determinada firma decide expandir a capacidade de produção além da necessidade, para impedir a entrada ou ampliações de outras firmas neste mercado já existente. Pode ocorrer também, um comportamento de cartel, de forma explícita ou por arranjos e acordos informais, deixando os preços num nível acima daquele que maximiza o lucro.

Temos então uma situação em que, os ganhos de escala aumentam o tamanho do mercado, através da incorporação do mercado externo, mesmo em países em que não haja diferenças significativas nos seus recursos e nem da tecnologia. Aqui está a origem de uma parte dos produtos que serão exportados. Um ganho de escala, mesmo que objetivando o mercado interno pode atingir o mercado externo. Então alguns produtos podem ser exportados, por superprodução interna, até o limite da rentabilidade cambial, e nesta situação podem permanecer algum tempo como estratégia de manutenção de mercados até o limite do custo de transporte. Vivemos no primeiro semestre de 2008 uma situação em que não há aço laminado para exportação por absoluta necessidade de atendimento do mercado interno, e não por estarmos perdendo mercado. Isto pode gerar inflação que já é percebida em relação ao cimento, por exemplo. Isto leva a outra consideração importante para o aumento do comércio internacional.

2.3 Comércio Interfirmas e Intrafirmas

Podemos separar dois tipos de relação comercial que influenciam o valor total das exportações de cada país individualmente. As relações intrafirmas e as relações interfirmas. No comércio interfirmas prevalece a vantagem comparativa. Novamente o setor automobilístico é o melhor exemplo, e representa uma parte significativa da corrente de comércio do Brasil com a

Argentina, por exemplo, e que deve crescer ainda mais na relação comercial com o México, a partir do regime regulatório que, depois de adiado por duas vezes, em 2008 finalmente começou a ser observado.

No Anexo K é incluída uma tabela que reúne dados da UNCTAD relativos aos resultados das exportações mundiais de 2005, que dão uma dimensão de quão importante o comércio internacional de veículos e autopartes é representativo para o quadro de produção industrial e de cruzamento de benefícios deste setor.

Quando as firmas não desfrutam mais de vantagem comparativa clara dentro de uma indústria, já que estão cada vez mais próximas umas das outras em quesitos como qualidade de produtos, disponibilidade de capital e tecnologia, vão se aprofundar ainda mais as trocas intra-indústrias ao invés da especialização interindústria.

Cabe tecer alguns comentários sobre a tabela 1, que vão além dos objetivos deste trabalho, mas identificam uma situação reveladora do real tamanho do problema ambiental a ser resolvido e de seu impacto na atual formatação do sistema capitalista mundial ancorado na indústria automobilística e no consumo de petróleo.

Salta aos olhos a 1ª posição da indústria automobilística na pauta de exportação de praticamente todos os países do G-7. Na Itália, o item: motores, partes e acessórios vem em primeiro lugar. Nos Eua, se somarmos os dois itens, passam a ser o 1º na pauta e no caso do Japão, os três itens somados totalizam um quinto do total das exportações.

Temos no caso da Polônia, Eslováquia e Eslovênia, uma demonstração inequívoca daquilo que foi categorizado como *capital humano* (Becker, 1964, apud Crawford, 1993) existente nestes países, resultado da grande qualificação técnica do fator trabalho que lá havia, e que foi aproveitada também pela indústria automotiva, quando da entrada destes países na União Européia em 2004.

Apenas o petróleo e seus derivados têm peso maior que a indústria automotiva no total das exportações mundiais. (ver tabela 3 no Anexo 3).

Solucionar o problema ambiental decorrente da queima de petróleo, sem desestruturar o sistema capitalista como um todo, parece representar o maior desafio já enfrentado por ele. O mais provável é que este se reinventará em outras bases.

2.4 Revisão histórica

Algumas indicações do que poderia tornar o Brasil e os Estados Unidos uma referência de modelo de nação para os países africanos, principalmente, acredito que possam ser tomados diretamente dos importantes relatos sobre os instrumentos de dominação econômico/financeira utilizados pela Inglaterra, posteriormente França, Alemanha, Bélgica e Holanda, durante o período conhecido como “Era dos impérios”. A conquista de novos mercados para suas indústrias ciclicamente em crises de superprodução, principalmente a Inglesa, (1875-76) do período posterior às independências latino americanas do século XIX até o fim da primeira guerra, podem ser encontrados nos volumes I e II do livro *A Acumulação do Capital*, de Rosa Luxemburg.

Os países latino-americanos recém libertados de Portugal e Espanha, a Centro-América, Ásia e África, foram alvos de acirradas disputas comerciais, quase sempre com apoio militar, mas contando sempre com “bênçãos” religiosas e amparo “científico”. Estas últimas como que apoiando e justificando a crença da superioridade da raça Branca Ocidental, que deveria levar aos mais inóspitos rincões do planeta, a salvação e o desenvolvimento. Padrões de negócios insanos para aqueles dias e muito mais para os dias de hoje, ajudam a formar o caldo de cultura antiimperialista que ainda habita as ex-colônias. Por mais que várias gerações sucessivas tenham sido tragadas pela terra, e as informações sobre estes fatos estejam “escondidas” das novas gerações, até para que não se alimente o ódio interminável, como parece acontecer no relacionamento entre árabes e judeus no entorno de Israel, estas informações negativas fazem parte, na minha interpretação, do “capital social” negativo que foi “integralizado” pelas potencias coloniais antes da primeira guerra, e pelas lutas travadas no período posterior à segunda guerra (1945), agora já “sob nova direção”.

Os novos “senhores” Estados Unidos e União Soviética, que em meio à guerra fria, notadamente a partir da guerra da Coréia, estabeleceram um outro tipo de relacionamento imperial. Um relacionamento dependente muito mais estratégico e sutil quando o controle está assegurado, mas tão ou mais violento e explícito quando é contestado ou ameaçado.

Os “novos Senhores” também utilizaram os métodos baseados em aproveitamento de lideranças locais “confiáveis” e alinhados, com maior ou menor presença direta. Vivemos hoje uma situação de “vizinhança democrática” nas Américas. Mas não faz muito tempo, toda a

América latina era governada por militares em regimes ditatoriais plenos ou em regimes pseudo-democráticos. Nestes havia controle da imprensa e até se elegia alguns representantes dos partidos autorizados no âmbito municipal ou federal, mas desde que as atividades “eleitorais” não colocassem em risco o sistema econômico e político como um todo, decidido na metrópole, e muito menos que colocasse em risco propriedades e investimentos diretos realizados por esta e pelos países-sócios da metrópole, que são os mesmos antigos colonizadores: Inglaterra, França, Japão, Itália, Holanda e Bélgica.

Ao final da 2ª guerra mundial, o sistema capitalista estava em perigo. A maior parte dos países fora da Europa era composta de colônias ou ex-colônias européias. O processo de combate travado contra os regimes nazi-fascistas fez brotar a esperança participativa. A semente democrática espalhada pelo mundo começa a germinar. Temos um novo modelo que hipnotiza as massas. O estilo de vida Norte americano passa a ser objeto de propaganda massiva e ganha o mundo através principalmente do cinema, que ajuda a transformar o estado da Califórnia numa das maiores economias do mundo. O *cluster tecnológico* californiano deve muito à atividade cinematográfica, pois várias soluções geradas para criar efeitos especiais viraram equipamentos, softwares e novas empresas.

Mas a realidade teima em aparecer mais uma vez. Faça o que eu digo, mas não registre como faço. Os métodos antidemocráticos necessários para manter a estrutura de dominação começam a ser expostos quando a Contraparte ultrapassa os limites definidos nos Tratados de Postdam e Ialta, em apoio a ações anticoloniais no extremo oriente. Quando uma parte dos intelectuais de esquerda do centro e sul América resolve romper com a Contraparte, justamente por esta cumprir aqueles acordos *deste* lado do planeta, e resolvem pegar em armas contra a permanência do caráter explorador do novo Senhor Americano, ou em apoio a lutas de descolonização na África. Do outro lado da “cortina de ferro”, pela busca da autodeterminação e por maiores liberdades, líderes, intelectuais e porções esclarecidas das massas batem à porta. O que se vê é a disseminação dos regimes ditatoriais e seu aprofundamento naqueles países onde este regime já se manifestava de alguma forma. Pronto, cai a máscara do *parceiro* e surge o verdadeiro rosto do *dominador*.

Voltando um pouco à Ásia e África para perceber diferenças dos processos nos dois continentes. Na obra de Canedo (1986), temos importantes lições a retirar sobre este período

infame de colonização e que tipos de reflexos culturais despertaram. Por exemplo, o papel político e ideológico desempenhado pelo Islã na África e nas regiões de influência Hindu.

“No sistema hindu, a ordem social está fundada na desigualdade social, isto é, o sistema de castas criou uma série de camadas sociais, desde a mais alta até a mais baixa” sem mobilidade nenhuma, só restava às castas mais baixas a conversão ao Islã, pois em princípio, todos os crentes são iguais (embora na prática haja sim diferenças). Quando a Índia consegue enfim a independência, num processo de não-violência que entrou para a história da humanidade, não se menciona que o novo estado “livre” seguia pela manutenção do sistema de castas entre os indianos, e que levou à criação do estado do Paquistão, que continha agora um enorme contingente de muçulmanos, ex-indianos, ex-intocáveis. Este aspecto também seduziu a África negra.

“O islã dava respostas, por sua simplicidade e pela firmeza da fé, às necessidades espirituais de indivíduos bruscamente desenraizados e desorientados e ao desejo de reintegração numa comunidade.” Pág.

Enquanto no extremo oriente, culturas ancestrais nunca foram totalmente dominadas pelos invasores ocidentais, pelo contrário, a absorção do modo de produção capitalista transformou totalmente algumas daquelas sociedades. Já no continente africano, o processo da própria colonização, dividindo espaços territoriais em função dos interesses e acordos dos colonizadores, que buscavam apenas a matéria-prima mineral ou vegetal, produziu intencionalmente “países” com tamanha desconexão entre seus habitantes de diferentes grupos tribais, que, uma vez tornados independentes, e ainda que sob a tutela e interesses comerciais dos ex-colonizadores e da elite aculturada de alguns destes países, levou a maior parte do continente à guerra civil, miséria e fome endêmica. Poderíamos definir este período da história como um verdadeiro genocídio assistido.

A forma de exploração, com algumas diferenças entre os colonizadores ingleses, franceses, belgas ou germânicos, ou mesmo os mais antigos como portugueses e espanhóis, nunca levou em consideração a idéia de desenvolvimento das nações africanas, mesmo por que não era um conceito razoável economicamente daquele período. Eles estavam ali para extrair minérios, matérias-primas e alimentos a baixo custo para as suas indústrias, e não para criar um mercado consumidor, como foi o caso do continente asiático, quando uma parte da produção manufatureira ou extrativista local já existente foi ‘legalmente’ proibida, para obrigar a

importação dos produtos da metrópole. Notadamente no caso indiano, mas observada em outros países recém independentes como o Brasil e nações latino-americanas. Após a independência dos Estados Unidos, aos poucos, todos os países do continente americano foram sendo colocados estrategicamente sob o guarda-chuva político Norte Americano, que também começa a “chutar a escada” do rumo da industrialização assim que pode. Os Estados Unidos (sul) tem em comum com o Brasil, e as atuais repúblicas centro-americanas, o fato de ter recebido uma quantidade enorme de escravos negros no período em que eram colônias de “plantation”. Após a abolição da escravatura, vão constituir uma comunidade numerosa e uma grande parte destes conseguirá usufruir uma parte do padrão de vida aparentemente alcançável só pelos brancos. Isto também levará à idéia de mobilidade social possível nestes países, que era absolutamente impensável em relação aos colonizadores europeus. Mas isto só vai aparecer dos anos 70 do século XX em diante. Voltemos ao século XIX

Desfrutando ainda de sua hegemonia, o capital financeiro inglês estabeleceu uma relação de dependência sob as diversas formas de acordos e compromissos. Em alguns casos, como por exemplo, nos projetos agrícolas e de infra-estrutura realizados no Egito (LUXEMBURG,1984), em função das dívidas originadas destes projetos ‘orientados, que não geraram os retornos esperados, e que levaram a Inglaterra a “executar as garantias”, ou seja, com vistas a garantir seus investimentos, tomam o controle político e econômico do país por volta de 1882. Isto gerou uma situação impressionante em que, a partir de uma dívida de risco com juros absurdos que após diversas renegociações draconianas amplamente registradas nos anais da história, possibilitou que uma Nação pudesse ter sua autonomia apropriada por outra. Ou seja, caso não houvesse pagamento da dívida externa, o devedor poderia ter seu país invadido e ou tomado para garantir o pagamento das dívidas. Durante a crise da dívida externa enfrentada pelo Brasil na década de 80 já do século XX, havia o temor de que os países credores pudessem invadir o Brasil e “tomar a Amazônia” para recuperar o investimento. Quando da fundação da OPEP e da primeira crise do petróleo, publicava-se como seria feita a tomada militar dos poços de petróleo dos países árabes. Depois que perceberam que os petrodólares virariam investimentos em títulos do governo americano, o medo passou e a preocupação ficou restrita ao fornecimento e não ao preço. A preocupação com o fornecimento é que levaria posteriormente à invasão do Iraque (2003), também com justificativas razoáveis.

2.5 Os novos Senhores e a dominação revelada

Era uma estratégia comercial para evitar a concorrência, não incentivar nem permitir a industrialização das colônias. Ainda durante o primeiro governo Vargas (1930-45) tem-se uma mostra destes princípios seguidos à exaustão, pela dificuldade encontrada por ele, habilmente negociando ora com os Estados Unidos, ora com a Alemanha nazista, para conseguir construir uma usina siderúrgica em nosso país.

Após a Segunda Guerra, tornou-se praticamente impossível sustentar o discurso democrático de igualdade entre os povos que se uniram para rechaçar as forças nefastas do Fascismo e Nazismo, e manter colônias exploradas tanto pelos vencedores como pelos perdedores da guerra. As colônias africanas em sua maioria vão ter que aguardar a *conferência de Bandung* (1955) para iniciar o processo efetivo de independência que culmina em 1960 com o “Ano da África”, em que dezessete países conseguem sua independência.(Canedo 1986) As colônias asiáticas aproveitaram de imediato, e já chegam quase todas libertas à conferência, que de resto buscava uma homologação e criava a política do não alinhamento automático, pois havia o medo duplo de invasão militar pelos países capitalistas e da possibilidade de revolução social causada pela mobilização popular necessária ao movimento e que na maioria das vezes o foi de forma violenta. As colônias asiáticas já tinham uma sociedade organizada antes da invasão ocidental ou mesmo nipônica. E são elas que irão mostrar ao mundo que, a aliança entre o “mundo livre” e a União Soviética, que possibilitou a vitória em 1945 não tinha outros propósitos a não ser eliminar o terceiro elemento, para que os dois pudessem se salvar. Em 1947 é anunciada a *Doutrina Truman* e nasce a *guerra fria*. A partir daí, o conflito Leste e Oeste vai determinar as ações políticas e econômicas que se darão sob as suas respectivas áreas de influência, abrindo ou fechando a torneira financeira, investindo em alguns países ou abandonando outros. O mundo se tornou um tabuleiro de xadrez tão complexo, que gerou um novo jogo de estratégia com mais peças. Criado em 1952 nos Estados Unidos com o nome de Risk , ganhou o mundo sob o nome de *wargame* e para os brasileiros chegou em 1972 já com o nome de *war*.

2.6 Sul e Centro americanos em busca de desenvolvimento.

A forma discricionária dos investimentos, desde o plano Marshall, deixa os aliados latino-americanos com a sensação de que vão continuar apenas fornecendo matérias primas. São independentes politicamente mas não economicamente. Cria-se o paradigma desenvolvimentista muito antes como política atrelada ao nacionalismo do que como teorização econômica.

Não entraremos aqui nas escolas que explicam o desenvolvimento sob as mais diversas formas e com as mais variadas definições. Se o simples “seguir a norma” fosse suficiente, se não houvesse impeditivos, todos os países já teriam conseguido seu intento.

Vamos resgatar apenas alguns estudiosos que podem ter descoberto o motivo pelo quais as nações têm dificuldade para crescer e se industrializar. Namoremos um pouco com a escola histórica da economia.

Considerado o pai da indústria nascente, o economista alemão Friedrich List (1789-1846) afirmava que não seria possível para os países mais atrasados conseguir desenvolver novas indústrias sem a intervenção do Estado, que faria a proteção através de tarifas. Em seu livro principal, *O sistema nacional de economia política*, publicado em 1841 registra as principais políticas comerciais e industriais dos países mais importantes da época e que se opõe ao que a propaganda econômica livre cambista tenta incutir nas mentes desguarnecidas de referenciais históricos satisfatórios. Cabe aqui a citação longa porém elucidadora, inclusive explicando a origem no título do livro de Chang:

“É um expediente muito comum e inteligente de quem chegou ao topo da magnitude chutar a escada pela qual subiu a fim de impedir os outros de fazerem o mesmo. Não é outro o segredo da doutrina cosmopolita de Adam Smith e das tendências cosmopolitas de seu grande contemporâneo William Pitt, assim com de todos os seus sucessores no governo britânico. Qualquer nação que, valendo-se de taxas protecionistas e restrições à navegação, tiver levado a sua capacidade industrial e sua navegação a um grau de desenvolvimento que impeça as outras de concorrerem livremente com ela não pode fazer coisa mais sábia do que chutar a escada pela qual ascendeu à grandeza, pregar os benefícios do livre-comércio e declarar, em tom penitente, que até recentemente vinha trilhando o caminho errado, mas acaba de descobrir a grande verdade.” (List, 1885, p295-9 – grifos meus, apud Chang, 2003 p.16-17).

Mais adiante Chang cita Adam Smith, que aconselha os norte-americanos da seguinte forma:

“Se os americanos, seja mediante boicote, seja por meio de qualquer outro tipo de violência, suspenderem a importação das manufaturas européias e, assim, concederem um monopólio aos seus compatriotas capazes de fabricar os mesmo bens, desviando uma parcela considerável do capital para esse fim, estarão retardando o futuro crescimento do valor de seu produto anual, em vez de acelerá-lo, e, estarão obstruindo o progresso do país rumo à riqueza e à grandeza verdadeiras, em vez de promovê-lo(Smith, Adam;1937 p347-8 apud Chang 2003 p.17).

Os americanos não seguiram Smith e se tornaram a mais protecionista de todas as nações, bem como seu berço intelectual. E como resultante, chegaram à liderança mundial na produção industrial. Quando termina a segunda guerra e adquire a supremacia mundial enquanto nação, passa a preconizar o livre-comércio e também vai *chutar a escada*.

Hipocrisias normativas em grande número são descritas em Chang (2003). Em seu livro “Chutando a Escada”, pode se confrontar uma série de exigências feitas pelos países que ele define como PAD (Países altamente desenvolvidos), relativos a práticas e condutas econômicas que os países em desenvolvimento devem seguir hoje e sempre para serem “bons alunos” e serem aprovados no clube dos países desenvolvidos. Práticas e condutas estas que não foram observadas por estes mesmo países, durante seus processos de desenvolvimento nos séculos anteriores e até recentemente. Portanto é razoável supor que venha daí a insistência em não considerar sob uma perspectiva histórica a ciência econômica, tentando transformá-la em uma formulação matemática, fria e exata. Fica mais fácil esconder que diversos conselhos atualmente definidos dentro das correntes liberais não foram seguidos pelos “aconselhadores”. Para nossas referências atuais pode parecer estranho descobrir os artifícios que a Alemanha utilizava para falsificar produtos ingleses. Que os japoneses haviam feito isso é mais ou menos de conhecimento geral, uma vez que é quase contemporâneo, assim como se sabe que a China o faz atualmente, com distritos industriais dedicados inteiramente a estas tarefas. Muitos caíram na armadilha chinesa de aceitar investimentos estrangeiros e descobrem que ocorre a total transferência de tecnologia e uma vez deslindado o processo de produção e gerenciamento, uma fábrica novinha toda chinesa passa a produzir aquele produto, com a mesma mão de obra

qualificada anteriormente. Um grande número de fábricas de calçados brasileiras, que eram sediadas em nosso pólo calçadista do Rio Grande do Sul, foi se estabelecer na China, levando inclusive pessoal treinado aqui, e hoje reclamam do câmbio valorizado e da concorrência desleal dos chineses. Cabe uma menção ao fato de que as exportações brasileiras de calçados continuam dentro dos mesmos valores históricos próximos a Um Bilhão de dólares, apenas houve uma redução no *Quantum*. Compensada pela exportação de unidades com maior valor agregado e gerando um grande número de desempregados setoriais.

3. UMA LEITURA PARTICULAR DE ROBERT PUTNAM E DO INSTITUCIONALISMO.

3.1 Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna

Neste seu livro, Robert D. Putnam comprova empiricamente a importância de algo que ele chama de “comunidade cívica” para a prosperidade econômica e a boa governança, onde predominam relacionamentos democráticos e que irão resultar em instituições mais eficientes”. Regras informais de reciprocidade geram confiança e cooperação, fundamentais para o desenvolvimento do que ele chama posteriormente de **Capital Social**. A experiência da reforma institucional realizada na Itália, documentada entre os anos de 1970 e 1990, e objeto de seu livro, permitiu identificar a evolução de várias destas instituições regionais, que representavam os mais diversos meios e estágios econômicos, sociais, culturais e políticos de então. Os contrastes são extensamente analisados e tal qual uma experiência botânica, o autor vai buscar uma resposta para a possibilidade de reproduzir em solos variados, as formas que podem levar ao desenvolvimento e a eficácia das instituições representativas.

A ciência política sempre se interessou pelas instituições. Uma corrente teórica chamada de “novo institucionalismo” passou a abordar com mais criatividade algumas questões. Baseando-se na “teoria dos jogos” e nos modelos de “escolha racional” conceber as instituições como “jogos em forma extensiva” e nos qual o comportamento dos atores é definido pelas “regras do jogo”. Como não poderia deixar de ser, os novos institucionalistas divergem entre si em relação a pontos teóricos e metodológicos, mas segundo Putnam, estão de acordo com dois pontos fundamentais:

“1- As instituições moldam a política. As normas e os procedimentos operacionais típicos que compõe as instituições deixam sua marca nos resultados políticos na medida em que estruturam o comportamento político.””as instituições influenciam os resultados porque moldam a identidade, o poder e a estratégia dos atores (pag23)

“2 – As instituições são moldadas pela história. Independentemente de outros fatores que possam influenciar as suas formas, as instituições têm inércia e robustez. Portanto corporificam trajetórias históricas e comportamentos decisivos. A história é importante

porque segue uma trajetória; o que ocorre antes (mesmo que tenha sido de certo modo “acidental”) condiciona o que ocorre depois....” (pag23)

Para Putnam, três correntes principais da ciência social tentam compreender a dinâmica do desempenho institucional. A primeira enfatiza o *projeto institucional*, que deriva dos estudos jurídicos formais de John Stuart Mill e que seriam uma espécie de manual de organização de instituições. Porém o projeto bem feito não garantia pura e simplesmente o bom desempenho. A segunda corrente enfatiza os *fatores sócio-econômicos*, a verdadeira democracia depende do desenvolvimento social e do bem-estar econômico. Fome e miséria são inimigos naturais da democracia. Por fim, a terceira, que destaca a importância dos *fatores sócio-culturais*, no desempenho das instituições democráticas. Neste grupo se enquadra a obra mais ilustre da tradição sócio-cultural e como Putnam mesmo diz, ‘especialmente pertinente para nosso estudo’, que é *Da democracia na América*, de Aléxis de Tocqueville. Nesta obra,

“Tocqueville ressalta a conexão entre os costumes de uma sociedade e suas práticas políticas”. As associações cívicas, por exemplo, reforçam os “hábitos do coração” e são essenciais às instituições democráticas estáveis e eficazes.” Pág.27

A expressão cultura cívica é retirada do estudo de Almond e Verba (apud PUTNAM 2006) que tenta explicar as diferenças de governo democrático nos Estado Unidos, na Grã-Bretanha, na Itália, no México e na Alemanha.

Putnam identifica uma comunidade cívica que se caracteriza por cidadãos atuantes e imbuídos de espírito público unidos por relações políticas igualitárias e por uma estrutura social firmada em *relações horizontais* de reciprocidade e cooperação, resultando em confiança e colaboração, ou seja, numa lógica de ação coletiva e que vai constituir o que ele conceitua da **“Capital Social”**. Resultado de mais de mil anos de convívio num conjunto de repúblicas comunais do centro e norte da Itália, e espelhados em seu desenvolvimento econômico e institucional atual. Aqui há cidadãos.

Em contrapartida, também remontando ao passado medieval, quando uma poderosa monarquia se estabeleceu no sul e ajudou a formar uma política *verticalmente estruturada*, embora tenha construído no final do século XII o estado mais rico, mais adiantado e organizado da Europa, a Sicília. Frederico II que havia fundado a primeira universidade pública européia,

em Nápoles, não conseguiu passar adiante por muito tempo a riqueza deste reino autocrático e feudal, onde se acreditava que a prosperidade era resultante de uma realeza forte, só poderia acontecer uma vida social caracterizada pela fragmentação e isolamento, oscilando entre dinastias estrangeiras e resultando acima de tudo, numa cultura dominada pela desconfiança entre pares. Realidade presente neste pedaço da Itália, e que está relacionado com o seu desenvolvimento econômico e social até hoje. Aqui há vassalos.

Importante em seus estudos, e também para nossas próximas considerações, a pesquisa que revela que mesmo no que se chama de “Cinturão Vermelho” da Itália, ou seja, a área de origem e onde mais fortemente existia o conceito de “comunalidade”, ocorre dentro do período pesquisado (1970-1990) “uma *despolarização ideológica* entre esquerda e direita, aliada a uma forte tendência a uma abordagem mais pragmática das questões públicas.” Não deixa de mencionar o fato histórico da “queda do muro” e o fim do ‘socialismo real’.

O Capital Social negativo, por assim dizer, é um dos fatores que explicam a situação das economias africanas que tentaram ser criadas a partir do zero por rebeldes doutrinados junto aos colonizadores. O processo de formação é importante e vai constituir o amálgama que fortalecerá a sociedade. Nem um modelo pronto socialista, nem um modelo pronto liberal-capitalista vão criar uma nação em poucos anos. Pode criar várias oportunidades e estas poderão gerar novas classes de dirigentes, ou fortalecer as mais antigas. Entre estas, destacam-se os militares, já que normalmente e logicamente, por deter a posse das armas, acabam tomando o poder para si ao invés de dar sustentação a uma liderança política que até poderia gerar a nação, mas que acaba sucumbindo ao poder econômico, através da corrupção de resposta, que significa que não foi possível sustentar os valores éticos e morais idealistas, em face do alto valor envolvido na negociação. Oportuno chamar a atenção de que esta também é uma forma de subverter a concorrência e estabelecer a dominação de mercados externos. Manchetes internacionais noticiaram há poucos dias que um tribunal europeu divulgou a existência de um processo em que há suspeita de suborno feito pela empresa Siemens para ganhar uma concorrência de fornecimento de equipamentos para o metrô de São Paulo, envolvendo milhões de dólares de comissões. Voltando ao caso das nações africanas, os militares, para não ficar apenas com o ônus desgastante da função policialiesca, tomam o poder e ficam também com os bônus.

A idéia básica de trazer Putnam para este trabalho é justamente para fortalecer a idéia de que, até numa nação milenar há diferenças que só podem ser superadas pelo fortalecimento e aprofundamento do capital social. Com verdadeira parceria e cooperação demonstradas exaustivamente na prática e não apenas no discurso. Numa relação que se costuma chamar de ganha-ganha.

4. DAS VIAGENS E DOS RESULTADOS CONCRETOS.

4.1 Das viagens.

As viagens internacionais do presidente Lula ao exterior, somaram uma razoável quantidade de dias de seu mandato. Só no primeiro ano (2003) foram 65 dias, 40 dias em 2004 e 52 dias em 2005. Em numero de viagens, a distribuição segue a ordem de 34 no primeiro ano de mandato, 21 no segundo e 29 no terceiro, totalizando neste período (com alguns países visitados mais de uma vez) 48 países visitados. Somando o primeiro bimestre de 2006, 18 países africanos receberam a visita do presidente. (Scolese & Nossa, 2006). Já considerando de 2003 até o período deste estudo, que é Dezembro de 2007, chegamos a 117 viagens, 61 países, sendo 21 deles localizados no continente africano.

Não nos ocuparemos aqui das viagens pelo Brasil, pois fogem ao escopo deste trabalho, porem a titulo de comentário, cabe dizer que: apesar de criticar intensamente o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, por fazer “turismo” com o dinheiro do povo brasileiro, Lula não teve como fugir às críticas da oposição que se referiam às viagens internacionais como pretextos para fugir das crises ou fugir da responsabilidade de governar o país e no caso das viagens internas, era acusado de estar em campanha para a reeleição.

Há viagens e viagens. Algumas foram traçadas exclusivamente para “acalmar” os mercados quanto à linha de governo a ser seguida, afinal, o fato de ser eleito por uma maioria de 61,7% dos votos válidos, na quarta tentativa de chegar à presidência, deveu-se também por uma mudança premeditada da imagem de radical e raivoso, que impregnava a percepção do eleitorado brasileiro. Com a nova imagem do “lulinha paz e amor”, apelido cunhado durante a campanha de 2002 e que foi “juramentada” pela “carta ao povo brasileiro”, onde deixava claro que não faria mudanças bruscas na economia, e que a bem da verdade, não se tratava de nenhuma revolução comunista a caminho de “rasgar” todos os contratos sociais, políticos e econômicos até então existentes.

Portanto, as primeiras viagens aos Estados Unidos, Suíça e Reino Unido, não tinham os mesmos objetivos comerciais que terão as visitas à América do Sul, Oriente médio e África. Estas viagens também não eram absolutamente comerciais, pois, apesar de continuar valendo a máxima de Keynes, de que: “não existe almoço grátis”, podemos identificar objetivos também de

cooperação e reparação. Afinal, em função do passado autoritário recente que colocou o Brasil no centro de uma “geopolítica” da América do Sul, ainda temos contas a acertar, pelo menos com o Paraguai e a Bolívia. Segundo os argentinos temos dívidas do governo democrático anterior que liberou o câmbio logo após a reeleição em 1998 e que levou a Argentina ao *default*. Melhor que cobrassem dos consensuais consultores de Washington. Mas é razoável supor que não ajudamos quando fizemos aquilo em 1998. A crise atual que a vizinha enfrenta, em função inclusive do peso desta em nossa balança de pagamentos e do peso que os manufaturados têm sobre o total para ela exportado, podem significar reflexos importantes sobre nosso parque industrial e nível de emprego. Há novamente falta de confiança nas instituições daquele país, e a corrida aos bancos desta semana (De 02 a 06/06/2008) deve estar deixando muitos dos que se consideram bem informados, com mais dúvidas do que com certezas.

O quadro completo das viagens está no Anexo I.

4.2 Dos resultados efetivos

As notícias publicadas no jornal Valor Econômico a partir da evidenciação dos resultados elevados das exportações a partir de 2003 e as formas como estes dados eram analisados, despertaram a minha curiosidade acadêmica. De início, as análises davam conta de que o país estava se beneficiando apenas da desvalorização cambial causada pelo temor latente que acompanhava a posse e os “primeiros minutos de jogo” do novo presidente e do seu partido sem maioria no congresso. Isto não iria continuar por muito tempo. Mas os resultados continuaram a crescer, e o câmbio a escorregar ladeira abaixo. Enquanto particularmente acreditava que isto se devia também a dois grandes “vendedores” e suas viagens internacionais, tive a confirmação desta impressão ao assistir apresentação de um trabalho de economia internacional realizado por colegas, onde se via uma diversificação de mercados muito grande, e que as exportações não eram apenas compostas de produtos básicos com preço elevado, como uma parte da imprensa tentava justificar aqueles resultados. Lendo relatórios da própria Funcex, dos anos de 2003 –2005 temos sempre previsões pessimistas que não se confirmam. A partir de 2006 é que passam a ficar “realistas”, pois fica difícil negar o que está ocorrendo.

A partir deste momento acreditei que poderia realizar um levantamento de dados sobre as exportações que pudesse tirar a dúvida sobre a mais simplista das explicações dadas a estes resultados resumidas na seguinte frase: Este presidente quase analfabeto está com “sorte” de

comandar o país num momento em que a economia mundial está superaquecida e não tem nenhuma interferência sobre o processo, e nada se deve a ele ou a qualquer tipo de intervenção organizada e planejada pelos demais integrantes ou agências deste governo. Que acaso!

Os dados sobre volume de exportações do Brasil recente foram levantados através do Ministério do Desenvolvimento Indústria, Comércio. Dados dos demais países foram recolhidos dos sítios dos respectivos Bancos Centrais. O relatório anual 2006-2007 da UNCTAD foi muito explorado, assim como os sítios da OEAD, ONU e CIA.

Foram feitos inúmeras planilhas, com dados de todos os países das Américas (27), a maior parte da Europa ocidental e Escandinávia (16), uma parte da Europa oriental (11), parte da Ásia e Oceania (13), do Oriente médio (10) e da África (23). Totalizam 100 países confrontados em suas importações realizadas junto ao Brasil. Este número é acaso.

Após este levantamento, passei a considerar que o minério de ferro e a soja em grão, em função de seus volumes, fornecedores e variações de preço internacional, não necessitavam constar do levantamento, até para não distorcer os resultados, já que não foram deflacionados por nenhum índice. Estamos com uma situação de valorização cambial, houve aumentos de preços internacionais de algumas mercadorias permitidos pela própria desvalorização do dólar, e também levando em conta que a forma atual de medição do índice da inflação norte-americana é bem diferente daquele dos anos 70/80, por exemplo. Aliás, isto evidenciaria juros americanos negativos em pelo menos 5% ao ano.

Minério de Ferro e Soja em grão não são “vendidos” e sim “comprados”. Não encontrei nenhuma outra mercadoria com valores relevantes que pudesse também apresentar este efeito. Foi reiniciado o levantamento, excluindo estes dois produtos. As planilhas contêm um comparativo anual de 2002 a 2007 onde são listados os valores anuais exportados bem como o percentual de crescimento em relação ao ano anterior, e um total de crescimento do período. Além disso, foram utilizadas tabelas elaboradas por outras entidades. Estas trazem, por exemplo: Exportações Brasileiras por fator agregado de 1964/2008(ANEXO C); Evolução do comércio exterior brasileiro de 1950/2008(ANEXO D); Gráfico desta evolução (ANEXO E).

4.3 Fatos resultantes da análise dos dados.

4.3.1 Sobre o crescimento médio dos valores exportados.

Em relação aos demais países, o crescimento das exportações brasileiras foi superior à média mundial em 2003, 2004, 2005 e 2007. Em 2006 foi ligeiramente inferior. (anexo 6).

A média de crescimento entre os países que foram visitados é maior do que aqueles em que não houve a visita. A média também é maior que a média de crescimento mundial. Mesmo que individualmente alguns países não visitados tenham resultados superiores e outros visitados tenham resultados inferiores.

Países do G7 visitados, com exceção da Itália (134,4%) e Alemanha (214,3) tiveram crescimento inferior à média. O crescimento maior nestes dois países, provavelmente denote a aproximação industrial e cultural ocorrida em função das imigrações no final do século XIX. Observa-se nas áreas geográficas brasileiras que receberam estes imigrantes, o crescimento industrial é maior do que a média do setor no Brasil. Mesmo comportamento se verificou em Portugal (271,8%) e na Espanha (217%). De alguma maneira isto mostra que as visitas aos “irmãos” : EUA (62,9%) e Inglaterra (78,6%) não percebem o Brasil da mesma forma que os demais países, e, portanto pode confirmar a hipótese de que não somos vistos pelo restante dos países, como eles são vistos, isto é: predadores.

Com relação ao comércio com os Estados Unidos, tivemos queda no valor da participação dos manufaturados, em parte pela exportação de quantidade considerável de petróleo para aquele país, e parte pela queda da exportação de calçados. Lembrando que no total exportado, os valores relativos ao comércio de calçados continuaram próximos à faixa do 1 bilhão anual, representados pela comercialização de produtos com maior valor individual de mercado (com marca) e redução no *quantum* exportado de calçados femininos de baixo valor agregado (sem marca).

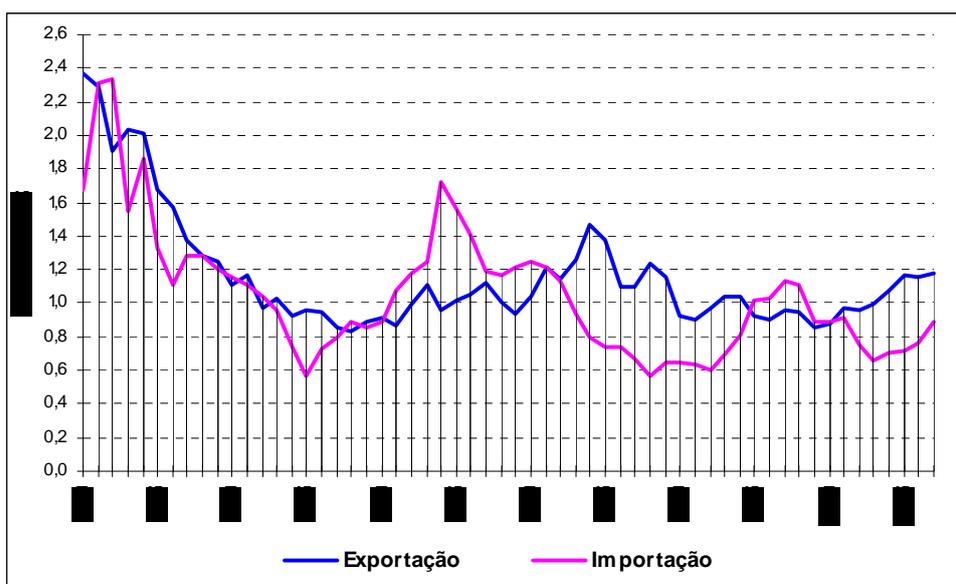
4.3.2 Quanto à participação no comércio internacional

Uma das falácias sobre os resultados que circularam pela imprensa, dizia que não havia nada de novo no reino das exportações, uma vez que a nossa participação no mercado

mundial de exportações em 1950 chegava a 2,37% do total. Agora em 2005 não chegava nem à metade, com 1,16% de participação. Em primeiro lugar, aquele percentual, composto quase que somente por exportações de Café (88%) não se sustentou por muito tempo, já que dez anos depois, em 1960 tínhamos que nos conformar com apenas 1,11%.

Nem cabe aqui tentar mais explicações sobre quantos países realmente participavam do comércio internacional naquela época, de quanto custava o petróleo, de que não havia concorrência nem no café. Mas o resultado atual tomando por base o ano de 2007 que é de 1,18%, significa um crescimento em relação a 2002 (0,96%) da ordem de 20,8 na participação, não no volume, que foi de 165%, enquanto o crescimento mundial em volume era da ordem de 115%.

Figura 1 – Evolução do comércio exterior brasileiro 1950-2007



fonte: MDIC/SECEX/DEPLA

TABELA 2 – Participação das exportações brasileiras em relação às exportações mundiais, 1990-2007.

Período	EXP BRASIL (FOB)			EXP MUNDIAL (FOB)	
	US\$ bi	Var.	B/C	US\$ bi	Var.
	(B)	%		(C)	%
1990	31,414		0,92522	3395,3	
1991	31,62	0,655759	0,903816	3498,5	3,039495774
1992	35,793	13,19734	0,965291	3708	5,988280692
1993	38,555	7,716593	1,035006	3725,1	0,461165049
1994	43,545	12,94255	1,035799	4204	12,85603071
1995	46,506	6,799862	0,922372	5042	19,93339676
1996	47,747	2,668473	0,899529	5308	5,275684252
1997	52,994	10,98917	0,960384	5518	3,956292389
1998	51,14	-3,49851	0,949499	5386	-2,392171076
1999	48,011	-6,1185	0,85995	5583	3,657630895
2000	55,086	14,73621	0,875075	6295	12,75300018
2001	58,223	5,694732	0,965395	6031	-4,193804607
2002	60,361	3,672088	0,957199	6306	4,559774498
2003	73,084	21,07818	0,992315	7365	16,79352997
2004	96,475	32,00564	1,078535	8945	21,45281738
2005	118,308	22,63073	1,161477	10186	13,87367244
2006	137,471	16,19755	1,15328	11920	17,0233654
2007	160,649	16,86028	1,182895	13581	(***)13,93445638

Fonte: MDIC/SECEX/DEPLA

Taxa real de variação do PIB: IBGE.

Exportações brasileiras: SISCOMEX e SECEX

Exportação: International Financial Statistics (FMI) e World Economic Outlook

PIB em dólar: IBGE.

(***) Previsão FMI (Outubro/2007) .

4.3.3 Sobre os resultados na América Latina, Caribe e América do Norte.

Na América Latina a média de crescimento por país do período ficou em 241%, bem acima do crescimento mundial (115%) No total em volumes, cresceu 331%, passando de 7.3 bilhões de dólares para 31.4 bilhões. O Equador (70%) e a Bolívia (110%) ficaram abaixo no período total, porém a Bolívia teve crescimento médio anual maior que a média, após as visitas. A Argentina (532%) assumiu a 2ª posição como destino de nossas exportações, a Venezuela (496%) o 6º e o Chile (191%) a 9ª posição. No ano da visita ou logo no ano seguinte, são verificados saltos percentuais conforme segue: Bolívia (52,88% contra média anual de 18,06);

Guiana (44,44% versus 19%); Venezuela (141,39 X 52,5%); Cuba (91,30% X 41,14%); Argentina (97,98 X 47,36%)

No Mercosul, a luta travada pelo atual presidente para melhorar as relações que estavam desgastadas pelas políticas e pela imagem do governo anterior, aliadas a reclamações dos empresários da indústria manufatureira Argentina, das reclamações e tratativas de acordos bilaterais com os EUA feitas pelo Uruguai, aliadas ao processo eleitoral no Paraguai que há alguns anos está cobrando uma postura mais fraterna do Brasil não impediram resultados de 213% com o Uruguai e 196% com o Paraguai. Com relação à Venezuela, talvez possa estar aí uma parte da explicação para a elevação acima da média do volume exportado para o Irã (308%) O presidente Iraniano deve ter “sintonizado” como nosso, em alguma reunião em Caracas, pois não foi feita uma visita formal ao Irã.

A América Central, grande fornecedora dos EUA, que é o principal parceiro comercial de quase toda a América, inclusive da Venezuela. Também apresentou crescimento acima da média. O México (81,5%) ficou abaixo da média apesar de ter sido visitado, mas também Porto Rico (37%) ficou abaixo sem receber visitas. Como não poderia deixar de ser, Cuba (348%) apresentou o maior crescimento. O Canadá (200%), apesar de não ter sido visitado e pertencer ao G7, ficou acima da média também.

Nas Américas, como também no restante do mundo, muito importante foi e é a ação da APEX Brasil. Trata-se da Agencia de Promoção de Exportações Brasileira, que tem atuação fortíssima e eficiente na aproximação e efetivação de negócios entre os empresários Brasileiros e os estrangeiros. Cabe inclusive um estudo em separado. Eles possuem os dados para estabelecer a correlação.

4.3.4 Europa oriental, Oriente Médio, Ásia e Oceania.

Na Europa Oriental, que não recebeu visitas, a média ficou em 201%. Percentuais elevados em vários países, porém os valores não são significativos. Destacam-se a Ucrânia (347,5%) a Croácia (372,4) e a Polônia (173%) com valores acima dos 100 milhões de dólares. Aviões fazem parte das exportações para a Europa oriental e Oriente médio. A Rússia (198%) está ocupando a 12ª posição no ranking dos parceiros, logo atrás da Bélgica (114%) que perdeu o 8º lugar e à frente do Reino Unido, que perdeu o 10º.

No Oriente médio, já citamos o Irã (308%) e temos ainda a Jordânia (992%) que não receberam visitas e apresentam percentuais expressivos que merecem uma melhor aproximação que não será feita neste momento. A média ficou em 184% e dos três países visitados, apenas o Líbano (391%) ficou acima da média da região. Aqui também podemos supor a possibilidade da influência imigratória. A Síria (124%) ficou acima da média mundial, mas os Emirados Árabes (77%) ficaram bem abaixo. A riqueza dos Emirados não tem porque gerar aproximação social de alguma forma com o do Brasil. Mármore e granito sim são bem vindos e já fazem parte dos principais hotéis construídos naquela parte arenosa do planeta. No Líbano, após a visita houve um acréscimo percentual de 61,81% contra a média anual de 38,4%. Na Síria o crescimento foi de 140,91% contra a média anual de 27,8%.

No extremo oriente temos mais um dos integrantes do G7 que teve um aumento abaixo da média, o Japão (90,4). A China (278%), nosso grande concorrente em diversos manufaturados soube tomar conta de diversos mercados pelo mundo inteiro. Estaríamos vendendo menos minério de ferro e menos soja, mas talvez muito mais manufaturados. Mas ao mesmo tempo, sem as demandas da China, outros países não estariam em condições de também estar comprando qualquer item. Este seria outro estudo a ser feito. A Índia (3%) teve o resultado mais pífio entre todos os países visitados, porém no ano seguinte ao da visita, o acréscimo percentual foi de 86,89 % contra uma média anual de 3,40%. Dentre estes visitados, além da China, apenas a Coreia do Sul (144%) ficou acima da média mundial e da região (138%), a menor média regional. Chama a atenção entre os não visitados o Paquistão (444%) e o Vietnã (700%).

4.3.5 A África

Aqui está o resultado regional mais expressivo se considerarmos a distância e a pobreza do continente como um todo. A média do crescimento foi de 273% com resultados expressivos em todos visitados pelo presidente Lula. Em países de colonização Inglesa, Belga e Francesa, visitados ou não, também temos resultados superiores, ou seja, não é apenas naqueles de língua portuguesa como também havia sido dito. Apenas no Marrocos (89%) nosso resultado foi abaixo da média mundial, em todos os outros foi superior. Os mais expressivos em valor são Nigéria (197%), África do Sul (273%) e Angola (512%). Gana (461%) e Argélia (482%) dão

uma amostra do impacto causado em nossos percentuais e volumes de exportação. Na África passamos de 2 bilhões de dólares em 2002 para 7,6 bilhões em 2007. Durante a campanha para a reeleição, em 2006 o candidato que representava o governo anterior, afirmou que deveríamos deixar de gastar dinheiro com este parceiro, e nos dedicarmos mais ao comércio com os EUA. Por aí se vê o tipo de postura que uma parte de nossa elite traz consigo e que ajudou a manter o Brasil no estágio anterior.

As comparações de resultados após a visita em relação à média anual passam pelos seguintes números: África do Sul (58,31% X 31,35%); Cabo Verde (100% X 50%); O Gabão (100% X 75,26%); Líbia (206,66% X 122,8%); Moçambique (130% X 18,18%) apesar de ter seu resultado no período 2002 / 2007 anulado (27 X 27 milhões de dólares); Namíbia (200% X 52,952%)

4.4 Sobre resultados dos descolonizados.

Os dados encontrados no sitio da CIA, sobre os valores exportados e importados de todos os países, bem como o grau de participação dos diversos parceiros atuais, pois os dados são em sua maioria referentes aos anos de 2006 e 2007, levam às seguintes considerações importantes:

4.4.1 Descolonização Inglesa

A Inglaterra foi praticamente banida como parceira principal de suas colônias da Ásia e tem um papel residual enquanto fornecedor para a grande maioria dos países da África, tanto aquelas que eram colônias quanto as demais. Aliás, é nas antigas colônias Francesas, Portuguesas, Belgas e Alemãs, que a Inglaterra aparece como parceira fornecedora. Como mercado de exportação, ainda é significativa sua presença na África.

Parece haver uma relação direta entre, quanto maior os recursos existentes para importação, menor o espaço ocupado pela Inglaterra, mas isto precisa ser melhor avaliado.

Uma grande parte deste espaço foi ocupada primeiramente pelos EUA, notoriamente aproveitando o fato da língua facilitar os negócios, mas eles também estão presentes nos outros países tanto de língua portuguesa como francesa. A China vem ocupando um espaço cada vez

maior entre os parceiros, tanto como importador como exportador. Aparentemente também os Investimentos Diretos Chineses guardam uma relação com os países produtores de petróleo ou com reservas minerais conhecidas. Isto também não faz parte do estudo, mas vai ajudar na conclusão.

4.4.2 Descolonização Francesa e Portuguesa

Tanto nas colônias Francesas mais próximas do mediterrâneo como nas mais afastadas, a participação como fornecedor ainda é grande. Com Portugal acontece a mesma coisa. Pode-se dizer que ainda são os maiores parceiros comerciais de suas ex-colônias. É significativa a importância das remessas internacionais feitas pelos argelinos residentes na França, e que compõe a maior parte das entradas de moeda no balanço de pagamentos da Argélia. São 3 bilhões de dólares anuais (2007). Já na Indochina a antiga presença Francesa foi também varrida do mapa. Deixou de fazer parte do grupo de parceiro comerciais fornecedores, seja do Vietnã, Camboja, Tailândia ou Laos que hoje fazem parte da corrente de desenvolvimento asiática.

5. A CONCLUSÃO.

Não resta dúvida de quão traumática foi a colonização perpetrada inicialmente nas Américas, que resultou no genocídio das mais diversas etnias indígenas, sepultando com elas seus direitos de propriedade sobre as terras americanas, “rasgando” seus “contratos informais” de produção e abastecimento, direito de lavra, bem como se apropriando de técnicas e inventos sem pagar pelo direitos de propriedade intelectual ou de “royalties” sobre “sementes” de milho e brotos de batata que salvaram a Europa da fome endêmica.

Uma parcela restante destas tribos, que ainda teima em ser a maioria em alguns países andinos e que só nos últimos anos descobriu seu peso eleitoral, para espanto das elites colonizadoras, também apresenta um comportamento muito próximo daquele que se imagina existir na África negra, O continente de longe mais vilipendiado pelas nações européias, pois a morte quase imediata de 75% da população das Américas nos primeiros 10 anos da colonização, livrou-os dos sofrimentos causados por 500 anos de colonização, escravização, abandono e descaso perpetrado pelos europeus na África..

Partindo da premissa de que a maioria dos produtos objetos de comercio internacional (tradables) tem preço já estabelecido pelo custo médio dos países produtores e pelas forças que operam no mercado internacional, portanto baseados em mercados em concorrência imperfeita, sem que possa haver influência nos preços.

Reconhecendo que os esforços de promoção de vendas externas por agências especializadas, conjugando esforços públicos e privados na participação e realização de feiras e eventos tem efeito de abertura e aprofundamento de mercados e que eventualmente faz parte de políticas econômicas.

Supondo que há disseminação de valores e modelos culturais, que estes podem ser reais ou idealizados, e que estes podem ser difundidos estrategicamente (American way of life/ Igualdade, liberdade, fraternidade) ou percebidos naturalmente num simples processo de identificação, novamente frisando o caráter oscilante entre a percepção real e a idealizada, e que estes modelos normalmente viram modismos e têm ciclos mais ou menos curtos.

Também supondo que mercados de PADS (países altamente desenvolvidos), na formulação traduzida do original de Chang , também podem sofrer este tipo de influência, mas neste caso dependendo de outras afinidades culturais (laços migratórios, identidade lingüística).

Reconhecendo que portos amigos podem ser abertos sem uso de canhoneiras, ou seja, que a receptividade é importantíssima na definição dos passos seguintes de qualquer relacionamento comercial. E que experiências negativas das mais variadas podem resultar em abandono de relacionamentos comerciais eventualmente até enquadrados dentro dos limites da racionalidade econômica (melhor preço e melhor qualidade do produto).

Baseado nos dados constantes do trabalho e das tabelas anexas a este, acredito que há indícios de que:

1 – Após a descolonização da África, uma parte do mercado africano foi atendida pelos EUA em função de suas vantagens absolutas à época, principalmente ao tomar conta da posição que pertencia à Inglaterra. Os EUA estão sofrendo com a concorrência chinesa, em função agora das vantagens comparativas apresentadas pelo grande país asiático. Posteriormente mantiveram uma parte do mercado em função da identificação cultural/étnica, já que os EUA têm uma grande proporção de afro-americanos em sua população. Que isto também exerce influencia sobre as populações afro-americanas dos países centro-americanos. Que como os latino-americanos, também têm uma fascinação pelo American Way of life. Que este tipo de sentimento também cria mercado para produtos que poderão fazer com que “minha sociedade fique mais parecida com aquela idealizada.”.

2 - Que os laços de exploração deixados pelos europeus na África, em maior ou menor grau, ajudaram a criar um Capital social negativo entre as nações africanas e isto interfere no seu processo de desenvolvimento. Mais ainda, geraram a necessidade destas nações procurarem um novo ideal de relacionamento social. Que em parte este novo ideal está sendo buscado em outra nação que possui grande volume de afro-descendentes, e que tem na sua representação máxima, um presidente que ascendeu das classes trabalhadoras, tem uma postura condizente com o seu discurso e está fazendo contatos com natureza comercial, mas também com o intuito de desenvolver e ajudar o continente a sair da miséria e da fome endêmica. Que os investimentos feitos pelo Brasil na África, e a forma de relacionamento pessoal dos cidadãos brasileiros que participam destes empreendimentos e investimentos são vistos de forma diferente do que os investidores que anteriormente freqüentavam o continente.

Portanto, o resultado comercial brasileiro na sua relação com a África pode ter uma explicação em parte resultante do empenho pessoal do presidente da república, que ao visitar

pessoalmente a maior parte daqueles países, representou o espírito de cooperação, parceria e confiança que o povo brasileiro emana enquanto valor idealizado pelas demais nações do planeta.

Que uma parte do resultado na América Latina, também pode ser resultante deste empenho.

E que isto de maneira nenhuma diminui o esforço de produção, estudo estratégico, negociação, logística e comercialização perpetrado pelos demais atores da “empresa” brasileira, uma vez que são os bons vendedores que vão asfaltar a estrada que permitirá que a mercadoria chegue ao seu destino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALASSA, Bela **Teoria da Integração Econômica**. Coleção Estudos de Economia Moderna. Clássica Editora, Lisboa. 452 pp.
- BAZARIAN, Jacob **O problema da Verdade**. Círculo do Livro S.A., São Paulo. 251 pp.
- BENECCKE, Dieter W.; NASCIMENTO Renata (organizadores) **Opções de política econômica para o Brasil**. Konrad Adenauer, Rio de Janeiro. 457pp.
- BENECCKE, Dieter W.; NASCIMENTO Renata; FENDT Roberto **Brasil na arquitetura comercial global**. Konrad Adenauer, Rio de Janeiro. 421 pp.
- BORBA, Jason Tadeu; BOCCHI, João Ildebrando (organizador); AGUERO Pedro H.Vivas; MACEDO Zilton Luiz **Monografia para economia**. Editora Saraiva, São Paulo. 229 pp.
- CANÊDO, Letícia Bicalho **A descolonização da Ásia e da África**. Editora da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 79 pp.
- CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo **Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 143 pp.
- CHANG, Ha-Joon **Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica**. Editora UNESP, São Paulo. 266pp.
- CRAWFORD, Richard **Na era do capital humano: o talento, a inteligência e o conhecimento como forças econômicas, seu impacto nas empresas e nas decisões de investimento**. Editora Atlas S.A., São Paulo. 186 pp.
- DAVID, Ricardo **Princípios de economia política e tributação**. Os Economistas. Abril S.A., São Paulo. 286 pp.
- DONGHI, Halperin **História da América Latina**. Círculo do Livro S.A., São Paulo. 458 pp.
- GALBRAITH, John Kennedh **O novo estado industrial**. Nova Cultural, São Paulo. 298 pp.
- GONÇALVES, Reinaldo **Ô abre-alas: a nova inserção do Brasil na economia mundial**. Relume Dumará, Rio de Janeiro.197 pp.
- GRUPPI, Luciano **Tudo começou com Maquiavel: as concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci**. LPM Editores, Porto Alegre. 93 pp.
- HOBSBAWM, Eric **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Companhia das Letras, São Paulo. 298 pp.
- JAGUARIBE, Helio **Introdução ao desenvolvimento social: breve estudo comparativo e crítico das perspectivas liberal e marxista e dos problemas da sociedade não-repressiva**. Círculo do Livro, São Paulo. 217 pp.
- JUNIOR, Caio Prado **História Econômica do Brasil**. Círculo do Livro S.A., São Paulo. 398 pp.
- KRUGMAN, Paul R; OBTFELD, Maurice. **Economia internacional: teoria e política**.2005.Pearson Addison Wesley. São Paulo, 558pp.
- LENIN, Vladimir Ilich **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria**. Os Economistas. Nova Cultural, São Paulo. 402 pp.
- LIMA, Gilberto Tadeu; SICSÚ, João; PAULA Luiz Francisco de (organizadores) **Macroeconomia moderna: Keynes e a economia contemporânea**. Editora Campus, Rio de Janeiro. 397 pp.
- LUXEMBURG, Rosa **A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do**

- imperialismo; Autocrítica.** Volume I. Os Economistas. Abril S.A., São Paulo. 226 pp.
- LUXEMBURG, Rosa A **Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo;** Autocrítica. Volume II. Os Economistas. Abril S.A., São Paulo. 194 pp.
- MARX, Karl **O capital: crítica da economia política.** Volume I. Os Economistas. Nova Cultural, São Paulo. 301 pp.
- MINERVINI, Nicola **Exportar Competividade e Internacionalização.** Makron Books do Brasil Editora Ltda, São Paulo. 418 pp.
- NELSON, Richard R.; WINTER Sidney G. **Uma teoria evolucionária da mudança econômica.** Editora da UNICAMP, São Paulo. 631 pp.
- PRADO, Maria Ligia **A formação das nações latino-americanas.** Editora da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 80 pp.
- PUTNAM, Robert D. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna.** Editora FGV, Rio de Janeiro. 257 pp.
- SALINAS, Samuel Sérgio **O bando do quatro: a industrialização no sudeste asiático.** Série Revisão. Mercado Aberto. Porto Alegre. 68 pp.
- SANDRONI, Paulo **Dicionário de economia do século XXI.** Editora Record LTDA, Rio de Janeiro. 909 pp.
- SCOLESE, Eduardo; NOSSA Leonencio **Viagens com o Presidente: dois repórteres no encaço de Lula do Planalto ao exterior.** Editora Record Ltda. 280 pp.
- SILVA, Heloisa Conceição Machado da **Da substituição de importações à substituição de exportações: a política de comércio exterior brasileira de 1945 a 1979.** Editora da UFRGS, Porto Alegre. 485 pp.
- SOUZA, Nali de Jesus de **Desenvolvimento Econômico.** Editora Atlas, São Paulo. 313 pp.
- TIRONI, Luís Fernando (organizador) **Aspectos estratégicos da política comercial brasileira.** Volume I. IPEA Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Brasília. 298 pp.
- VEBLEN, Thorstein Bunde **A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições.** Abril Cultural, São Paulo. 181 pp.

ANEXO A - Cronologia das Viagens do Presidente Lula ao Exterior.

15 e 16.01.2003 - Visita oficial à República do Equador.

24 a 29.01.2003 - Reunião Anual do Fórum Econômico Mundial, em Davos, Confederação Helvética (25 e 26/01). Viagem à República da Alemanha, para visita ao Presidente Johannes Rau e reunião de trabalho com o Primeiro-Ministro Gerhard Schröder (27/01). Viagem à República Francesa, para reunião com o Presidente Jacques Chirac e com o Primeiro-Ministro Jean-Pierre Raffarin (28/01).

22 a 24.05.2003 - XVII Reunião de Chefes de Estado e de Governo do Mecanismo Permanente de Consulta e Concertação Política - Grupo do Rio, em Cusco, no Peru.

25.05.2003 - Cerimônias de transmissão do mando e posse do novo Presidente da Nação Argentina, Nestor Kirchner, em Buenos Aires.

30.05 a 02.06.2003 - Visita à República Francesa e à Confederação Suíça, atendendo a convite para participar, na cidade francesa de Evian, do Diálogo Ampliado de Evian, e, na cidade suíça de Genebra, de Sessão Especial da Organização Internacional do Trabalho.

17 e 18.06.2003 - Participa da Cúpula de Chefes de Estado dos Países Membros do Mercosul, Bolívia e Chile, na cidade de Assunção, Paraguai.

19 a 21.06.2003 - Visita de trabalho aos Estados Unidos da América.

27 e 28.06.2003 - Visita à República da Colômbia, Medellín, para participar do XIV Conselho Presidencial Andino.

9 a 17.07.2003 - Visitas de Estado a Portugal e Espanha e visita oficial ao Reino Unido para participar da Reunião de Cúpula de Governança Progressista.

14 e 15.08.2003 - Participa, em Assunção, das cerimônias de transmissão do mando e posse do novo Presidente do Paraguai, Nicanor Duarte Frutos.

24 a 27.08.2003 - Visita de Estado ao Peru e visita de Trabalho à Venezuela.

16.09.2003 - Participa em Cartagena, a convite do Presidente Álvaro Uribe, da Colômbia, do 40º aniversário de criação da Organização Internacional do Café.

21 a 27.09.2003 - Visita oficial ao Estados Unidos da América, a fim de participar da 58ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, e visitas de trabalho ao México e Cuba.

15 a 17.10.2003 - Visita de Estado à República Argentina.

23 a 25.10.2003 - Viagem ao Reino da Espanha, a fim de receber o Prêmio Príncipe de Astúrias, na cidade de Oviedo.

1º a 8.11.2003 - Visita oficial a cinco países africanos: São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, África do Sul e Namíbia.

14 e 15.11.2003 - Participa da XIII Conferência de Chefes de Estado e de Governo Ibero-Americanos em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia.

2 a 11.12.2003 - Visita oficial à Síria, Líbano, Emirados Árabes Unidos, Egito e Líbia.

15 e 16.12.2003 - Visita à República do Uruguai, Montevideu, para participar da Cúpula de Chefes de Estado dos Países Membros do Mercosul, Bolívia e Chile.

11 a 14.01.2004 - Participa da Sessão Especial da Cúpula das Américas, em Monterrey, México.

24 a 31.01.2004 - Visita de Estado à Índia (26/1). Participa, em Genebra, Suíça, de Seminário sobre Investimentos no Brasil (29/1). Reunião de Trabalho com o Presidente da França, Jacques Chirac, e o Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan (30/1).

26 a 27.02.2004 - Visita à República Bolivariana da Venezuela, em Caracas, por ocasião da XII Cúpula do Grupo dos 15, em Caracas.

21 a 29.05.2004 - Visita de Estado à República Popular da China (21 a 27/5). Participação na III Cúpula América Latina e Caribe - União Européia, em Guadalajara, México (28 a 29/5).

22 a 24.06.2004 - Em Nova York, Estados Unidos, encontro de alto nível com investidores da América do Norte e de reunião de cúpula dos líderes do *Global Compact*.

7 e 8.07.2004 - Cúpula de Chefes de Estado do Mercosul, em Puerto Iguazu, Argentina, e visita oficial a Santa Cruz de la Sierra, Bolívia.

25 a 29.07.2004 - V Cúpula de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, em São Tomé e Príncipe. Visita oficial ao Gabão e a Cabo Verde.

11.08.2004 - Participa das cerimônias de inauguração da Ponte da Amizade, ligando Brasiléia (Acre) a Cobija (Departamento de Pando/Bolívia), e de lançamento da pedra fundamental da

Ponte da Integração, unindo Assis Brasil (Acre) a Iñapari (Departamento de Madre de Diós/Peru).

13.08.2004 - Solenidade de inauguração do Tribunal Permanente de Revisão do Mercosul, em Assunção, Paraguai.

15 a 18.08.2004 - Viagem à República Dominicana (15 a 17/9) e ao Haiti (18/8).

23 a 25.08.2004 - Visitas oficiais ao Chile e ao Equador.

19 a 22.09.2004 - Participa em Nova Iorque, Estados Unidos da América, reunião de líderes mundiais sobre combate à fome e à pobreza, e abertura da 59ª Sessão da Assembléia-Geral das Nações Unidas.

8 e 9.12.2004 - III Reunião de Presidentes da América do Sul, em Cusco, Peru.

19.01.2005 - Em Letícia, Colômbia, encontro bilateral com o Presidente daquele País, Álvaro Uribe

27 a 30.01.2005 - Fórum Econômico Mundial em Davos, Suíça.

13 a 16.02.2005 - Visita oficial à Venezuela (13 e 14/2), à Guiana (15/2) e ao Suriname (16/2).

29.03.2005 - Encontro com os Presidentes da Venezuela e da Colômbia e com o Presidente do Governo Espanhol, em Ciudad Guayana, na Venezuela.

07 a 14.04.2005 - Participação das exéquias de Sua Santidade o Papa João Paulo II, no Vaticano, no dia 8, e visitas ao Cameroun, Nigéria, Gana, Guiné-Bissau e Senegal, nos dias 10 a 14.

22 a 29.05.2005 - Visitas oficiais à República da Coreia (Seul), nos dias 23 a 25, e ao Japão (Tóquio), nos dias 26 e 27, e (Nagóia), no dia 28.

19 e 20.06.2005 - Visita à Assunção, República do Paraguai, a fim de participar da reunião de Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul e Países Associados.

06 e 07.07.2005 - Viagem a Gleanegles, na Escócia, a fim de participar de reunião ampliada do G-8 com Brasil, África do Sul, China, Índia e México.

12 a 16.07.2005 - Visita de Estado à República Francesa.

08.09.2005 - Viagem a Puerto Maldonado, no Peru, para encontro com os Presidentes Alejandro Toledo, daquele país, e Eduardo Rodriguez Veltze, da Bolívia.

12 a 16.09.2005 - Viagem à Guatemala e a Nova York.

12 a 19.10.2005 - Viagens oficiais para os seguintes eventos: VII Cimeira Brasil-Portugal, no Porto, Portugal, no dia 13; XV Cúpula Ibero-Americana, em Salamanca, Espanha, nos dias 14 e 15; visita oficial, em Roma, dias 16 e 17; e visita oficial à Rússia, em Moscovo, das 17 e 18.

4 e 5.11.2005 - Viagem a Mar Del Plata, na Argentina, para participar da IV Cúpula das Américas.

30.11.2005 - Participa em Puerto Iguazu, na Argentina, do encontro com o Presidente da República, Nestor Kirchner, por ocasião da comemoração dos vinte anos da assinatura dos acordos de Foz do Iguaçu.

08 e 09.12.2005 - Viagem a Montevideu, no Uruguai, para participar da reunião de Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul e Países Associados.

13 a 15.12.2005 - Visita de Estado à Colômbia.

22.01.2006 - Participa, em La Paz, da cerimônia de posse do Senhor Evo Morales na Presidência da República da Bolívia.

08 a 12.02.2006 - Visitas à Argélia, nos dias 8 e 9, Benin, no dia 10 e Botsuana, no dia 11. Participa na África do Sul, no dia 12, da Cúpula da Governança Progressista.

06 a 09.03.2006 - Visita oficial ao Reino Unido.

04.05.2006 - Participação, em Puerto Iguazú-Argentina, de reunião com os Presidentes da Argentina, Bolívia e Venezuela.

11 a 14.05.2006 - IV Cúpula América Latina e Caribe - União Europeia, dia 12, e visita oficial à República da Áustria, no dia 13, em Viena.

04 e 05.07.2006 - Visita Oficial à Venezuela.

14 a 18.07.2006 - Participa da Cúpula do Grupo dos 8, em São Petersburgo, na Rússia.

20 e 21.07.2006 - Participa da Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul, em Córdoba, na Argentina.

27 e 28.07.2006 - Participa da solenidade de posse do novo Presidente do Peru, em Lima.

18 a 20.09.2006 - Participa da LXI Assembléia Geral das Nações Unidas, em Nova York.

12 e 13.11.2006 - Visita oficial à República Bolivariana da Venezuela

29.11 a 1º.12.2006 - Participa da reunião de Cúpula dos Chefes de Estado da África e da América do Sul, em Abuja, na Nigéria.

08 e 09.12.2006 - Participa da II Cúpula de Chefes de Estado da Comunidade Sul-Americana de Nações, em Cochabamba, Bolívia.

15.01.2007 - Participar, em Quito, das solenidades da posse presidencial no Equador.

24 a 27.01.2007 - Participa do Fórum Econômico Mundial, nos dias 25 e 26, em Davos, na Suíça.

24 a 27.01.2007 - Visita oficial da Uruguai.

02 e 03.03.2007 - Participa da XIX Reunião do Grupo do Rio, em Georgetown, Guiana.

30.03 a 1º.04.2007 - Viagem oficial a Washington, Estados Unidos da América.

16 e 17.04.2007 - Visita à Ilha Margarita, na Venezuela, por ocasião da Cúpula Energética Sul-Americana.

25 a 27.04.2007 - Visita oficial ao Chile, nos dias 25 e 26 e à Argentina, no dia 27.

20 e 21.05.2007 - Visita oficial a Assunção, Paraguai.

31.05 a 09.06.2007 - Visitas oficiais ao Reino Unido, nos dias 1 e 2, à Índia, nos dias 3 e 4, ao Marrocos, nos dias 5 e 6, e à Alemanha, onde participará da Cúpula do G-8, nos dias 7 e 8.

28 e 29.06.2007 - Participa da XXXIII Reunião de Cúpula do Mercosul, em Assunção, Paraguai.

03 a 05.07.2007 - Participa da Cimeira Brasil-União Européia em Lisboa, Portugal, e da Conferência Internacional sobre Bio-combustíveis em Bruxelas, Bélgica.

31.05 a 09.06.2007 - Visitas oficiais ao Reino Unido, nos dias 1 e 2, à Índia, nos dias 3 e 4, e à Alemanha, onde participará da Cúpula do G-8, no período de 5 a 8.

05. a 10.08.2007 - Viagem oficial ao México, Honduras, Nicarágua, Jamaica e Panamá.

08 a 18.09.2007 - Visitas oficiais à Finlândia, nos dias 9 e 10, Suécia, nos dias 11 e 12, Dinamarca, nos dias 12 e 13, Noruega, nos dias 13 e 14 e Espanha, nos dias 14 e 17.

23 a 26.09.2007 - Participa da abertura da Assembléia Geral das Nações Unidas, em Nova York.

14 a 19.10.2007 - Visitas oficiais a Burkina Faso, dia 15, República do Congo, dias 15 e 16, República da África do Sul, dias 16 e 17, e Angola, dias 17 e 18.

08 a 10.11.2007 - Visita oficial ao Chile, para participar da XVII Cúpula Ibero-Americana.

09 e 10.12.2007 - Visita oficial à Argentina.

3.12.2007 - Visita à Venezuela.

16 a 18.12.2007 - Visitas oficiais à Bolívia, nos dias 16 e 17, e ao Uruguai, no dia 18, onde participa de reunião da Cúpula do Mercosul.

Fonte:

http://www.presidencia.gov.br/info_historicas/galeria_pres/Lula/gallula/integrapresidente_view/
acessado em 15.04.2008

http://www.presidencia.gov.br/info_historicas/galeria_pres/Lula2/Lula2/integrapresidente_view/
acessado em 15.04.2008

ANEXO B

Tabela 3 – Comércio mundial. As trinta categorias de produtos mais comercializados em 2005 e comparativo de crescimento em relação ao ano de 1995.

3.2.A Export structure by product World		3.2.A Structure des exportations par produits Monde						
Products ranked by average 2004-2005 values SITC Revision 3 (3-digit level)	1995			2005			Growth rates (percentage) Taux d'accroissement (en pourcentage) 1995-2005	
	Value (millions of dollars)	% of the country grouping exports	% of world product exports	Value (millions of dollars)	% of the country grouping exports	% of world product exports	Value	Difference from world
Produits classés d'après la moyenne des valeurs de 2004-2005 CTCI révision 3 (positions à 3 chiffres)	Valeur (millions de dollars)	En % des exportations du groupe de pays	En % des exportations mondiales des produits	Valeur (millions de dollars)	En % des exportations du groupe de pays	En % des exportations mondiales des produits	Valeur	Différence par rapport au monde
All commodity groups	5 050 560	100.00	100.00	10 250 631	100.00	100.00	6.57	0.00
333 Crude petroleum & bituminous oil	205 936	4.08	100.00	739 769	7.22	100.00	12.52	0.00
781 Passenger cars and race cars	232 452	4.60	100.00	485 053	4.73	100.00	7.35	0.00
776 Valves tubes; diodes, transistors	189 016	3.74	100.00	364 918	3.56	100.00	6.49	0.00
764 Telecommunicate equipment part nes	121 662	2.41	100.00	351 538	3.43	100.00	10.36	0.00
334 Heavy petroleum & bituminous oil	92 143	1.82	100.00	367 380	3.58	100.00	12.69	0.00
931 Transaction commodity unclassified	125 466	2.48	100.00	342 494	3.34	100.00	8.35	0.00
752 Computer equipment nes	131 912	2.61	100.00	270 005	2.63	100.00	5.97	0.00
784 Motor vehicle parts and accessories	112 746	2.23	100.00	232 528	2.27	100.00	7.05	0.00
542 Medicines including veterinary	45 340	0.90	100.00	204 917	2.00	100.00	17.06	0.00
759 Office equipment part & accessories	98 970	1.96	100.00	199 954	1.95	100.00	6.79	0.00
778 Electrical machinery apparatus nes	80 368	1.59	100.00	147 296	1.44	100.00	5.88	0.00
772 Electrical circuit equipment	66 460	1.32	100.00	141 877	1.38	100.00	7.14	0.00
792 Aircraft, spacecraft & equipment	68 231	1.35	100.00	127 676	1.25	100.00	4.85	0.00
343 Natural gas, liquefied or not	34 754	0.69	100.00	124 630	1.22	100.00	12.66	0.00
874 Measure analyze control device nes	52 692	1.04	100.00	110 458	1.08	100.00	7.23	0.00
713 Internal combustion engine part nes	55 416	1.10	100.00	112 926	1.10	100.00	6.69	0.00
728 Special industrial machine part nes	60 136	1.19	100.00	97 015	0.95	100.00	4.22	0.00
641 Paper and paperboard	72 227	1.43	100.00	95 408	0.93	100.00	3.35	0.00
821 Furniture part; bedding furnishing	45 209	0.90	100.00	97 185	0.95	100.00	7.52	0.00
845 Articles of apparel nes	45 134	0.89	100.00	91 539	0.89	100.00	6.71	0.00
782 Goods and service vehicles	45 235	0.90	100.00	89 074	0.87	100.00	5.85	0.00
699 Base metal manufactures nes	41 845	0.83	100.00	89 534	0.87	100.00	6.95	0.00
667 Pearls, precious semiprecious stone	39 711	0.79	100.00	90 140	0.88	100.00	8.13	0.00
893 Articles of plastic nes	42 194	0.84	100.00	84 301	0.82	100.00	6.87	0.00

Fonte: UNCTAD HANDBOOK OF STATISTICS (2006-2007)

ANEXO C

ANEXO D

ANEXO E

ANEXO F

ANEXO G

ANEXO H

ANEXO I

ANEXO J

ANEXO K

ANEXO L

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALASSA, Bela **Teoria da Integração Econômica**. Coleção Estudos de Economia Moderna. Clássica Editora, Lisboa. 452 pp.
- BAZARIAN, Jacob **O problema da Verdade**. Círculo do Livro S.A., São Paulo. 251 pp.
- BENECCKE, Dieter W.; NASCIMENTO Renata (organizadores) **Opções de política econômica para o Brasil**. Konrad Adenauer, Rio de Janeiro. 457pp.
- BENECCKE, Dieter W.; NASCIMENTO Renata; FENDT Roberto **Brasil na arquitetura comercial global**. Konrad Adenauer, Rio de Janeiro. 421 pp.
- BORBA, Jason Tadeu; BOCCHI, João Ildebrando (organizador); AGUERO Pedro H.Vivas; MACEDO Zilton Luiz **Monografia para economia**. Editora Saraiva, São Paulo. 229 pp.
- CANÊDO, Letícia Bicalho **A descolonização da Ásia e da África**. Editora da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 79 pp.
- CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo **Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 143 pp.
- CHANG, Ha-Joon **Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica**. Editora UNESP, São Paulo. 266pp.
- CRAWFORD, Richard **Na era do capital humano: o talento, a inteligência e o conhecimento como forças econômicas, seu impacto nas empresas e nas decisões de investimento**. Editora Atlas S.A., São Paulo. 186 pp.
- DAVID, Ricardo **Princípios de economia política e tributação**. Os Economistas. Abril S.A., São Paulo. 286 pp.
- DONGHI, Halperin **História da América Latina**. Círculo do Livro S.A., São Paulo. 458 pp.
- GALBRAITH, John Kennedh **O novo estado industrial**. Nova Cultural, São Paulo. 298 pp.
- GONÇALVES, Reinaldo **Ô abre-alas: a nova inserção do Brasil na economia mundial**. Relume Dumará, Rio de Janeiro.197 pp.
- GRUPPI, Luciano **Tudo começou com Maquiavel: as concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci**. LPM Editores, Porto Alegre. 93 pp.
- HOBSBAWM, Eric **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Companhia das Letras, São Paulo. 298 pp.
- JAGUARIBE, Helio **Introdução ao desenvolvimento social: breve estudo comparativo e crítico das perspectivas liberal e marxista e dos problemas da sociedade não-repressiva**. Círculo do Livro, São Paulo. 217 pp.
- JUNIOR, Caio Prado **História Econômica do Brasil**. Círculo do Livro S.A., São Paulo. 398 pp.
- KRUGMAN, Paul R; OBTFELD, Maurice. **Economia internacional: teoria e política**. 2005. Pearson Addison Wesley. São Paulo, 558pp.
- LENIN, Vladimir Ilich **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria**. Os Economistas. Nova Cultural, São Paulo. 402 pp.
- LIMA, Gilberto Tadeu; SICSÚ, João; PAULA Luiz Francisco de (organizadores) **Macroeconomia moderna: Keynes e a economia contemporânea**. Editora Campus, Rio de Janeiro. 397 pp.
- LUXEMBURG, Rosa **A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do**

- imperialismo; Autocrítica.** Volume I. Os Economistas. Abril S.A., São Paulo. 226 pp.
- LUXEMBURG, Rosa A **Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo;** Autocrítica. Volume II. Os Economistas. Abril S.A., São Paulo. 194 pp.
- MARX, Karl **O capital: crítica da economia política.** Volume I. Os Economistas. Nova Cultural, São Paulo. 301 pp.
- MINERVINI, Nicola **Exportar Competividade e Internacionalização.** Makron Books do Brasil Editora Ltda, São Paulo. 418 pp.
- NELSON, Richard R.; WINTER Sidney G. **Uma teoria evolucionária da mudança econômica.** Editora da UNICAMP, São Paulo. 631 pp.
- PRADO, Maria Ligia **A formação das nações latino-americanas.** Editora da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 80 pp.
- PUTNAM, Robert D. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna.** Editora FGV, Rio de Janeiro. 257 pp.
- SALINAS, Samuel Sérgio **O bando do quatro: a industrialização no sudeste asiático.** Série Revisão. Mercado Aberto. Porto Alegre. 68 pp.
- SANDRONI, Paulo **Dicionário de economia do século XXI.** Editora Record LTDA, Rio de Janeiro. 909 pp.
- SCOLESE, Eduardo; NOSSA Leonencio **Viagens com o Presidente: dois repórteres no enalço de Lula do Planalto ao exterior.** Editora Record Ltda. 280 pp.
- SILVA, Heloisa Conceição Machado da **Da substituição de importações à substituição de exportações: a política de comércio exterior brasileira de 1945 a 1979.** Editora da UFRGS, Porto Alegre. 485 pp.
- SOUZA, Nali de Jesus de **Desenvolvimento Econômico.** Editora Atlas, São Paulo. 313 pp.
- TIRONI, Luís Fernando (organizador) **Aspectos estratégicos da política comercial brasileira.** Volume I. IPEA Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Brasília. 298 pp.
- VEBLEN, Thorstein Bunde **A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições.** Abril Cultural, São Paulo. 181 pp.